

**DESENHOS E MAPAS NA ORIENTAÇÃO
ESPACIAL: PESQUISA E ENSINO DE
ANTROPOLOGIA**

ANA MARIA DE NIEMEYER

Departamento de Antropologia
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Estadual de Campinas

textos Didáticos
nº 12 - Janeiro de 1994

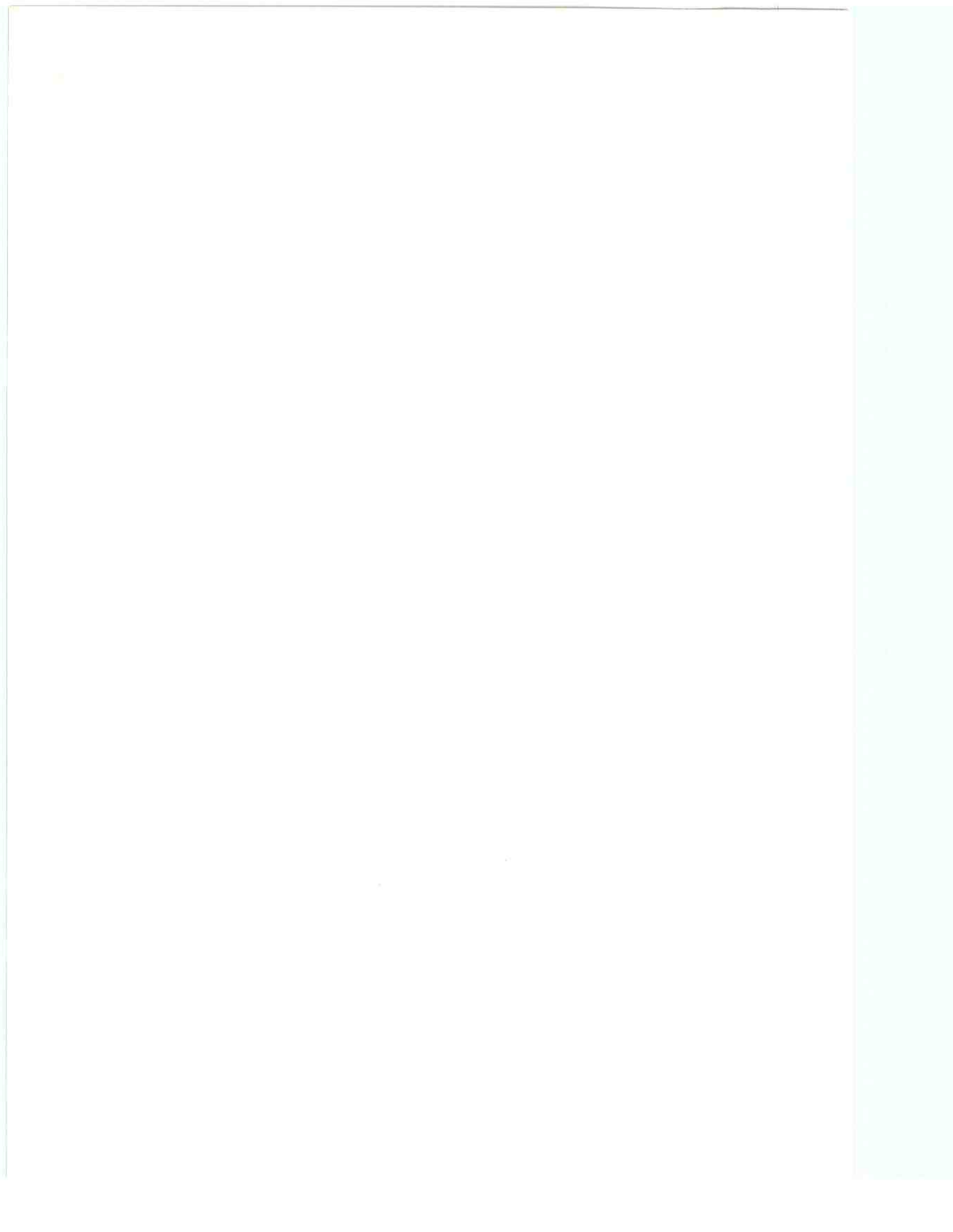
Projeto Gráfico da Exposição: **João Baptista da Costa Aguiar**

Capa - Composição e Diagramação - Revisão - Impressão

IFCH/UNICAMP

SUMÁRIO

Apresentação	5
Introdução	6
Pesquisa	7
1. Favelados de São Paulo	7
2. “Meninos e meninas de rua” de Campinas	13
Ensino – Ciências Sociais (UNICAMP) e Arquitetura (PUCCAMP)	15
Conclusão	21
Bibliografia citada	23



Apresentação

Este texto tem como objetivo explicar a proposta didática e teórica da exposição iconográfica *Desenhos e Mapas na Orientação Espacial: pesquisa e ensino de antropologia*.^{*} Esta mostra reúne em 11 painéis (1 x 1m) documentos primários – a cores – do tipo mapas M. e desenhos D., produzidos por favelados paulistanos, adolescentes de rua de Campinas e alunos de ciências sociais e de arquitetura (cf. cópia em branco e preto no final deste Caderno).¹

A exposição foi planejada de modo que o material visual possa ser usado como documento em orientações de pesquisa, aulas, seminários e palestras (no ensino regular na UNICAMP, em cursos externos e em congressos científicos). Ao lado desses documentos estão textos etnográficos e textos de análise elaborados pela pes-

^{*} Aracy Lopes da Silva, Lux Vidal e Suely Kofes tiveram um papel fundamental, em momentos diferentes e com contribuições diversas, para que esta exposição fosse possível. Agradeço à minha família (Cesarino, Pedro, Gabriela, Julia, Selma e Luiz Flávio) pelo apoio de sempre. Agradeço à Nádia Farage pela colaboração na revisão deste texto, à Eni Orlandi, M. Stella Bresciani, Vavy Pacheco Borges, M. Fausta Pereira de Castro, Regina Müller, José Luiz dos Santos, Márcio Campos e Carlos Brandão pelo incentivo constante; à Mauro W. Barbosa de Almeida e Márcio Silva pela indicação de alguns itens da bibliografia consultada; à Guita Debert pela procura, bem sucedida, de um texto de difícil acesso; e à Maria Filomena Gregori por sugestões para a pesquisa dos alunos. Por último sou grata ao professor Maurice Tournier (E.N.S. St. Cloud, Paris) por sugestões para a metodologia do exercício com mapas no ensino.

¹Conto com a autorização dos autores desses desenhos e mapas para sua utilização pública. Agradeço-os por isto. Foram apagadas quaisquer referências que identifiquem os autores.

Os membros da equipe de alunos da UNICAMP e do grupo de educadoras de rua estão identificados.

quisadora. Estes, entretanto, não fecham a possibilidade de outras interpretações pelos eventuais leitores. Pelo contrário, a idéia que orienta a exposição desses documentos é que eles possam ser utilizados por várias disciplinas como fontes primárias.

Introdução

Os mapas e desenhos da exposição mostram a percepção do ambiente em um dado momento. Representam um recorte num processo lógico permanente de seleção, organização e estruturação de informações espaciais. Os modos de expressão externa desse processo podem ocorrer sob diferentes formas. Fazemos com frequência, por exemplo, mapas indicando caminhos para atingir determinado lugar, sem termos consciência de que são expressões sintéticas – parciais – de algo complexo que é a organização cognitiva de informações espaciais que captamos ao longo de nossa existência. Downs & Stea (1977) defendem a idéia de que esse processo deve ser denominado *mapeamento cognitivo*. O *mapa mental* seria um produto desse processo e pode adquirir diversas formas: desenhos de *esboços de mapas* (como esses apresentados nessa exposição); lista mental de lugares aonde iremos na cidade, elaborada antes de sairmos de casa; etc... Observam também que os esboços de mapas não podem ser avaliados com critérios de semelhança e proporcionalidade em relação à realidade representada porque sempre transmitem a percepção que um determinado sujeito tem, em uma ocasião particular, sobre o meio ambiente (*op. cit.*).

Na mostra iconográfica comentada neste texto temos: mapas que situam a moradia atual e a anterior de favelados, desenhos da casa de adolescentes e adultos favelados,² desenhos de praças na

²Estão presentes nesta mostra mapas e desenhos de um acervo de 68 documentos deste tipo realizados por adultos, jovens, adolescentes e crianças

cidade de Campinas frequentadas por jovens e adolescentes de rua e mapas para orientar recém-chegados na cidade de Campinas.

Somente através de uma mostra baseada em *linguagem visual* é possível reunir *sob o mesmo tema* dados que têm uma origem diferente. Mapas elaborados, em cursos, pelos alunos, quando reunidos à mapas e desenhos recolhidos durante uma pesquisa, trazem uma consistência empírica para a discussão teórica da orientação espacial (ver item Pesquisa-favelados). Este é um tema de fronteira, de modo que o tratamento visual que recebe nos painéis permite o acesso de leituras vindas de outras disciplinas. Procurei, sem prejuízo do rigor acadêmico, introduzir um texto analítico acessível a um público mais amplo.

A organização deste texto Didático segue a sequência temática dos painéis, (Apresentação, Pesquisa, Ensino e Conclusão), e seu conteúdo está redigido para servir de guia para a exposição.

Pesquisa

1. Favelados de São Paulo

Durante um estudo³ sobre a organização social e simbólica do espaço de uma favela paulistana recorri à linguagem visual como *dado primário*: desenhos e mapas – elaborados pelos favelados; fotografias, *mapas etnográficos* (cf. B. Orlove, 1991) e desenhos do espaço da favela – produzidos pela pesquisadora (A. M. Niemeyer, *op. cit.*).⁴ A idéia era atingir dados subjacentes sobre dimensões do

faveladas.

³Financiado pela FAPESP.

⁴Posteriormente continuei com a mesma metodologia (linguagem visual em estudos sobre espaço): a) na orientação de pesquisas de alunos da UNICAMP e da FAU/PUCCAMP-1993; b) em pesquisa com colegas: "Territórios no espaço

espaço que freqüentemente ficam fora do alcance de outros métodos de pesquisa.⁵

Intenção inicial era verificar se o desenhar era uma forma de expressão adequada (aceita e possível) para os sujeitos. A partir daí solicitei que desenhassem temas relacionados com a tese. Dois ser-ventes de pedreiro realizaram totalmente essa etapa (outros sujeitos a realizaram parcialmente). Juntamente com os desenhos realiza-dos a pedido, ambos desenharam espontaneamente alguns mapas: Severino fez um trecho da cidade de São Paulo (M. 9, painel 4), José realizou um mapa da região que circunscribe a casa que foi de sua família numa pequena vila da Bahia (M. 1, painel 2).

Os desenhos e mapas espontâneos (como os de José e os de Severino) são compreendidos com análise simultânea de produções “solicitadas” (*desenhe sua casa; desenhe a favela*). José representou *a sua casa* como sendo a dos pais (os pais já estavam mortos e a casa não pertencia mais à família – D. 2, painel 2). A idéia de “casa” relacionada à moradia própria, de material de construção tipo tijolo ou adobe, é reforçada, ao invés de moradia em “terreno alheio” (já estigmatizada como “maloca”) e em “barraco de tábuas”.

Ao pedido para que desenhasse *sua casa*, Severino respondeu que ainda não tinha “casa” em São Paulo, morava com a companheira e os filhos dela em um barraco na favela; sua casa era a do pai e ficava em Pernambuco. Fez o desenho da favela (D. 8, painel 4) e espontaneamente o desenho da casa do pai, o mapa do município de Surubim e o mapa da cidade de São Paulo.

O desenho desses mapas significa um apoio gráfico a um processo lógico de orientação espacial dos informantes. Sem as solicitações

Paulistano: imagens do centro” em conjunto com o professor da UNICAMP A. A. Arantes, a fotógrafa M. L. Martinelli, e o auxiliar de pesquisa A. Trindade, financiada pela FAEP-UNICAMP, fevereiro de 1993.

⁵Dois trabalhos clássicos que recorrem à análise de desenhos de aldeias indígenas com esses objetivos são: Claude Lévi-Strauss [(1970) 1956], e Roberto Da Matta (1976).

do pesquisador a orientação, provavelmente, prescindiria deste tipo de recurso.⁶

Solicitado (*desenhe sua casa*), José fez os desenhos 3 e 4 (painel 3) representando um território cercado na favela onde vive com sua “família extensa”. A cerca interna (D. 4) representa, a nível espacial, uma fase de um conflito em curso entre as famílias. Pelos direitos costumeiros os filhos são “herdeiros” do terreno ocupado e delimitado com cerca externa. Quem “chegou primeiro, ocupou, roçou, plantou” é considerado “dono” (no caso, o sogro de José – Seo Fidélis).

José construiu seu desenho (D. 3) mantendo um foco lógico de orientação, o seu barraco, o qual ocupa o centro do papel.⁷ Dada sua posição privilegiada na dinâmica familiar, nunca seus direitos, à parte do terreno que lhe cabia, foram delimitados no espaço. As marcas mais importantes na definição de direitos territoriais estão representadas por “cercas”, “varal” de pendurar roupas, “lavanderias”, “pés de banana”, “barracos” e “banheirinhos” (só sanitários, a favela não tem água. Banhos são tomados dentro de casa).

Solicitado a desenhar a favela (D. 5, painel 3) José não utilizou a mesma riqueza de detalhes de outros desenhos. Recusava a favela, não colocou no papel as coordenadas espaciais registradas mentalmente como nos seus desenhos do quintal.⁸

⁶Veja-se M. Leenhardt apud J. Clifford, 1982:143.

⁷Tal como fez no desenho 2 e no mapa 1, os quais têm como foco lógico a casa de seus pais em Itambé, vila do interior da Bahia.

⁸Essa representação simbólica do meio ambiente como visto nos exemplos do desenho da mesma favela por dois informantes diferentes lembra discussões de Simone Dreyfus sobre território. Esta antropóloga assinala um ponto importante em relação ao território e habitat no oeste da amazônia, que é a diferença encontrada entre povos que habitam regiões geograficamente próximas, tanto em relação à prática social, quanto, à percepção do território e à mitologia, que justificam a ocupação do território, [S. Dreyfus, 1972: p. 10]. As organizações sociais dos povos estudados por diversos pesquisadores (Tucano, Witoto, Bora, Yukuna, Bari, Matsiguenga) não são uniformes. As diferenças entre eles devem

Está alí de passagem: tal como o irmão mais velho (primeiro a migrar) compra junto com o sogro um terreno na periferia.

Severino elaborou o mapa de São Paulo (M. 9, painel 5) a partir de um ponto lógico em função do qual ele baliza o espaço da cidade: seu local de moradia – a favela – que está invisível. Fica atrás de uma alça rodoviária que conduz à avenida marginal do rio Pinheiros (ver o desenho que Severino fez da favela – D. 8 – cuja observação simultânea com o mapa acima é imprescindível para essa argumentação da orientação espacial).

Três questões, portanto, relacionam-se à orientação espacial, e podem ser apreendidas na análise de mapas e desenhos: a natureza do processo que os levou a elaborá-los, o debate *imagem x ponto de referência* (entre A. Gell, 1986 e M. Blades e C. Spencer, 1986) e o ponto lógico a partir do qual o espaço é demarcado por um sujeito determinado (P. Descola, 1986).

Ainda no mesmo mapa comentado acima, observamos que pontos de referência aí assinalados ligam rotas conhecidas, através de símbolos convencionais (campo de futebol) e de desenhos e sinalizações em vermelho (Hospital das Clínicas, Cemitérios, Jôquei Clube, Rodoviária, Praça da Sé, Estádio do Pacaembu). As ruas em volta desses pontos são mais largas e com cores destacadas. Qualquer aspecto físico que adquira saliência para um indivíduo é considerado ponto de referência para estudos psicológicos sobre orientação espacial (M. Blades & C. Spencer, 1986). Para estes, só com conhecimento maior da região estes marcos ficam interligados formando mapas de levantamento – *survey maps*.⁹ Em três anos de moradia em São Paulo Severino adquiriu experiência através de

ser compreendidas, segundo Dreyfus, não em termos de traços, mas dentro de um contexto político global. Este marca suas práticas sociais enquanto ideologia (ibid.). A percepção do espaço (aonde se inclui a de território) deve ser remetida a esse contexto maior (ibid.).

⁹Ver a justificativa do informante para o desenho da Cidade de São Paulo quando diz que desenhou o que conhece (cf. M. 9 painel 5).

deslocamentos pela cidade sobretudo por motivos de trabalho, lazer (olhar o movimento do Jôquei), consumo (compras no centro e em Pinheiros), visitas a parentes na periferia e na Vila Olímpia e consultas médicas no HC. Faz os trajetos de ônibus, a pé e de bicicleta. A escolarização (Mobral) permitiu-lhe suplementar este mapa com informações que retirou de um guia de ruas da cidade de São Paulo. No desenho da favela feito também por Severino – D. 8, painel 4 – duas grandes placas de propaganda (em amarelo) são pontos de referência destacados por ele. As mesmas placas aparecem no desenho (D. 10, painel 5) de Inês, uma adolescente, enteada de Severino.

Esses dados reforçam o papel dos pontos de referência no processo de orientação espacial, colocado por Blades e Spencer como alternativa à partes da teoria do antropólogo A. Gell.¹⁰

Gell desenvolveu sua reflexão a partir do que ocorreu em sua própria mente ao interpretar um mapa feito à mão (*artefactual map*) de sua autoria. Para desenhar este mapa criou uma situação artificial de planejamento de uma viagem na Índia e daí intuiu certas conclusões. Os dados foram adaptados por ele de um documento impresso: “Serviço Oficial de Topografia e Cartografia da Índia” – *Ordinance Survey of Índia*.¹¹ Este antropólogo justifica esse procedimento dizendo que praticamente não conhecemos os processos mentais que nos tornam capazes de transformar informações contidas em mapas publicados (linhas esboçadas, cores, etc.) em instruções – do tipo, “siga à esquerda e vire na primeira quadra...” – que visam uma orientação prática (*ibid.*: p. 276).

Para a psicologia cognitiva, o apoio na lembrança de séries de *imagens*, como desejado por Gell, é indefensável do ponto de vista das pesquisas empíricas desenvolvidas por esta disciplina. Tal apoio sobrecarrega a memória. O esquecimento de uma *imagem* pode

¹⁰*Op. cit.*

¹¹Cf. A. Gell, *op. cit.* pp. 277, fig. I.

acarretar uma desorientação. Criticam também o fato de Gell ter baseado boa parte de sua reflexão teórica sobre o que ocorreu em sua própria mente ao interpretar o mapa por ele desenhado. Acreditam que o avanço científico desse tipo de reflexão deve ocorrer após teste experimental e não, como fez Gell, baseado em intuições.

As legendas colocadas pelos alunos nos mapas, as interpretações que fizeram de seus mapas e dos seus colegas, assim como as análises que fiz deste conjunto de dados (cf. item Ensino), contribuíram para reforçar o papel do ponto de referência na orientação espacial, tal como foi sugerido pela psicologia cognitiva, ao invés do apoio exclusivo em séries interconectadas de imagens, proposto por Gell.¹² Trouxeram ainda apoio para a análise do balizamento do espaço por um sujeito específico a partir de um ponto lógico escolhido por ele. Temos a mesma questão colocada nas explicações dos arquitetos para o modo como desenharam seus mapas, pois é a partir da posição ocupada imaginariamente pelo aluno que foram desenhados os mapas de muitos entre os arquitetos, como demonstra este depoimento: – coloquei-me imaginariamente na janela de meu escritório e de lá visualizei a rodoviária lá em baixo, e então desenhei o trajeto do escritório até a rodoviária (ver **M. 24**).

Essas conclusões incorporam descobertas da psicologia, mas remetem a discussão da orientação espacial a bases lógicas (idéia consensual entre vários antropólogos especialistas no assunto e também entre aqueles que trabalham com mapas cognitivos).¹³ Foi possível chegar a essas constatações por causa da reflexão sobre o resultado da interpretação dos mapas na classe. Há aqui, portanto, uma contribuição metodológica para a pesquisa sobre orientação espacial, que escapa das investigações experimentais de base psicológica (tal

¹²Gell (1986) responde a essas críticas dizendo que o ponto de referência é de fato fundamental e que seu papel está implícito em suas análises.

¹³Ver: C. D. Frake, 1985; A. Gell, 1985; M. W. B. de Almeida, 1986.

como são propostas por Blades e Spencer) e coloca como alternativa a pesquisa-em-grupo.¹⁴

Pesquisa

2. “Meninos e Meninas de rua de Campinas”¹⁵

Os painéis (6 e 7) dedicados à pesquisa dos alunos trazem desenhos sobre espaço, mas não tratam especificamente de orientação espacial. O tema que os liga à outras representações gráficas dessa exposição é a importância desse recurso para o estudo de dados subjacentes sobre espaço. O desenho **D. 8** – painel – da favela realizado por Severino traz exemplos claros disto. Aparecem aí grandes barracões com um só telhado que de fato não existem. O que ocorre é que há barracos (isolados ou de parede-meia) que pertencem a um só dono. São alugados, vendidos, ou usados para moradia do proprietário. O teto único simboliza a posse (reconhecida pelos direitos costumeiros da favela).

¹⁴Um dos cursos em que apliquei pela primeira vez este exercício (cf. C. 3, nota 19) foi realizado na UNICAMP para técnicos em educação popular que trabalham com a “pobreza” de Campinas. A idéia foi tentar quebrar um discurso estereotipado sobre este tipo de atividade obtido, algumas vezes, em pesquisas baseadas em entrevistas. Para tanto, trabalhei com diferentes interpretações dos membros do grupo (através de debates em sala de aula) sobre suas atividades junto à movimentos sociais, de educação, etc... Em seguida essas interpretações foram confrontadas com a dos professores e com a de textos teóricos.

¹⁵“Meninos e meninas de rua. Uma abordagem antropológica”. Março/junho 1992. Equipe: F. Silveira, J. Abreu, A. Trindade, M. Castellanos, G. Fonseca. Orientação: Ana Maria de Niemeyer. Curso ministrado com Nádia Farage. Monitoras: R. Bertolotto e J. Schell. Educadoras de Rua: I. Rudecke, M. L. Villela (PUC/Campinas).

Os barracos pequenos, isolados, são de rapazes solteiros e os menores, sanitários.

Essa mesma contribuição pode ser observada no desenho de Inês (D. 10, painel 5) quanto à representação diferente para “casa” e “barraco”: sua moradia (assinalada com o nome da mãe: Carmozina) fica entre uma e outra representação. O imaginário presente em desenhos de crianças e adolescentes do estudo na favela aparecem na elaboração de Inês através do mar, do navio e do pato. Muitos dos desenhos destes sujeitos não foram incorporados porque, dado o conteúdo emocional que transmitem, precisam de um estudo em conjunto com psicólogos para compreendermos suas dimensões espaciais. Como este não era meu objetivo na ocasião deixei-os de lado. Os desenhos de adolescentes de rua obtidos pelos alunos vêm reforçar essa necessidade de um trabalho interdisciplinar. Como fica claro nesta observação do próprios alunos: *“... notar traços, linhas e outros detalhes que impressionaram pela forma pouco usual de criatividade. Em comparação com desenhos de crianças que tiveram acesso à educação, e possuidoras de família estruturada, os primeiros mostraram-se, digamos, possuidores de uma outra lógica. Fosse o que fosse, se protesto pela dura realidade, ou uma simples convencionalidade habitual, o que é certo é que, ao simbolizarem momentos do cotidiano – desenhados a nosso pedido –, a emotividade deixava-se transparecer sob a forma de detalhes gráficos como, por exemplo, uma árvore chorando, ou uma frase de efeito do tipo ‘lágrima de mãe não tira o filho da prisão’”*.¹⁶

¹⁶Pesquisa dos alunos, *op. cit.*

DESENHOS E MAPAS NA ORIENTAÇÃO ESPACIAL: pesquisa e ensino de antropologia¹

Ana Maria de Niemeyer
Departamento de Antropologia
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH)
UNICAMP

Estes mapas e desenhos expõem a percepção do ambiente em um dado momento. Representam um recorte num processo lógico permanente de seleção, organização e estruturação de informações espaciais. Os modos de expressão externa desse processo podem ocorrer sob diferentes formas. Fazemos habitualmente mapas indicando caminhos para atingir determinado lugar, sem consciência do complexo processo mental da orientação espacial. Este processo também está presente em desenhos e mapas feitos pelos antropólogos e pelos seus informantes.

Nesta mostra temos: mapas que situam a moradia atual e a anterior de favelados, desenhos da casa de adolescentes e adultos favelados, desenhos de praças na cidade de Campinas frequentadas por jovens e adolescentes de rua e mapas para orientar recém-chegados na cidade de Campinas.

Os mapas e desenhos de favelados paulistanos foram elaborados para nossa pesquisa da tese de doutoramento (1985), quando estudamos direitos costumeiros dos moradores sobre o território da favela. Recorremos à linguagem visual com o objetivo de atingir concepções subjacentes sobre espaço. Com a mesma finalidade e o mesmo método, um grupo de alunos estudou em 1991

representações espaciais de jovens e adolescentes de rua para um trabalho de um curso de Antropologia.

Os mapas da cidade de Campinas foram feitos, em sala de aula, por alunos de ciências sociais e de arquitetura. Ao introduzir este exercício, desde 1981, em cursos de antropologia, a idéia é discutir diferentes alternativas teóricas para a análise desse processo de orientação espacial. Contrapor interpretações da classe sobre os mapas é a primeira etapa do exercício. A segunda é a comparação destas interpretações com diferentes teorias. O esforço de compreensão da lógica de seus próprios colegas, assim como de suas formas de expressão gráfica, introduz um debate teórico mais consistente e questionador. Uma simples indicação de caminho permite acesso às diferenças individuais de representação de mundo dentro de uma mesma cultura.

Os mapas são desenhados a cores, pois representações simbólicas de cores e de formas podem ser discutidas no mesmo exercício. Atingimos assim outras dimensões teóricas e empíricas, ampliando nossas reflexões sobre as fronteiras da antropologia com outras disciplinas.

Os painéis estão divididos em dois grandes temas: Pesquisa e Ensino.

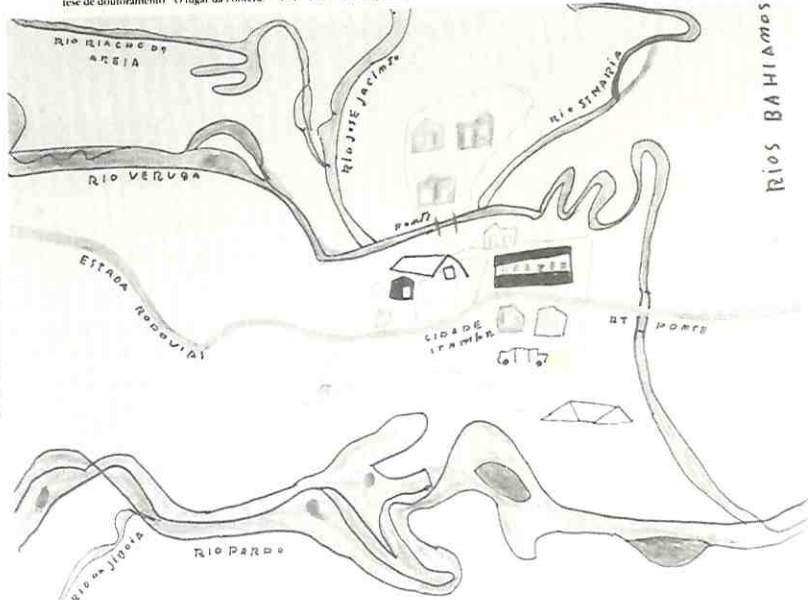
1. Financiamento da tese de doutoramento: FAPESP, do programa de pós-graduação da UNICAMP onde parte desses estudos foi realizada; FINEP, de investigações da pesquisadora; CNPQ. Contamos com a autorização dos autores desses desenhos e mapas para sua utilização pública. Semelhantes, gratas por isso. Foram apagadas quaisquer referências que identifiquem os autores. Os nomes dos favelados estão trocados. Os membros da equipe de alunos estão identificados.

PESQUISA: FAVELADOS

Mostra selecionada de um acervo de 63 mapas e desenhos realizados por favelados paulistanos (adultos, jovens, adolescentes e crianças) (tese de doutoramento: "O Lugar da Pobreza" USP 1985 - orientação: RCI Cardoso)

M.1 - Jan./73 - José, servente de pedreiro, casado, 35 anos, alfabetizado, baiano.

"Interior da Bahia, cidade de Itambé: no centro tem um jardim, a prefeitura, um hospital, bastante casas, avenidas, Banco da Bahia, Banco do Brasil, mercado, farmácias, uma serraria, um clube. O rio Verruga passa pelo centro. ... a casinha perto do centro é de gente fraca. ... Duas casas são de adobe, fora do centro, não rebocaram, é de conhecido, amigo. ... Estrada rodovia passa no centro: vai de Vitória da Conquista à Itabuna. Três casas fora do centro são de fazendeiro meio recusado, a gente quer dizer que não é muito rico, são donos da terra. A cidade fica a 3km, do rio Parado. Entre a cidade e o rio tem roças". ... as linhas em lápis preto são... cercas que separam o quintal, a maior fica em volta da cidade, tinha poucas casas, lotearam as fazendas e ficou a cerca."



Os desenhos e mapas espontâneos (como os de José, M.1 e D.2, e os de Severino M.6 e D.7) são compreendidos com análise simultânea de produções solicitadas (desenhe sua casa; desenhe a favela); há diferentes leituras possíveis. Aqui destacamos um tema que emerge desses dados: a orientação espacial. No mapa M.1 a cidade natal de José é situada numa vasta região balizada por rios. Esta cidade reaparece no D.2 tendo como centro a casa de seus pais. Figuras proeminentes, camponeses de visita à cidade, apa-

recem misturados com plantas, árvores, carros, ônibus e caminhões. Desenho e mapa mesclam cidade e campo: limites difusos em pequenas vilas do interior da Bahia, e na memória do desenhista. José representou a sua casa como sendo a dos pais (os pais já estavam mortos e a casa não pertencia mais à família). A ideia de casa relacionada à moradia própria, de material de construção tipo tijolo ou adobe, é reforçada, ao invés da moradia em terreno alheio (já estigmatizada como maloca) e em barraco de tábuas.

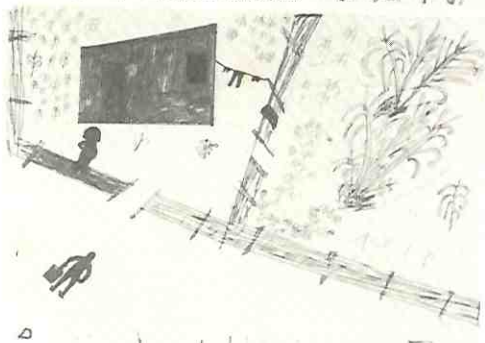
D.2 - Jan./73 - José.

"Casa onde morava em Itambé: ficava fora do centro no começo da cidade, era de tijolo, teto de telha... Tinha 12 peças... Pai trabalhava na roça e morava na cidade. Estas pessoas não são ninguém da gente, são da roça, estavam passando pela rua."



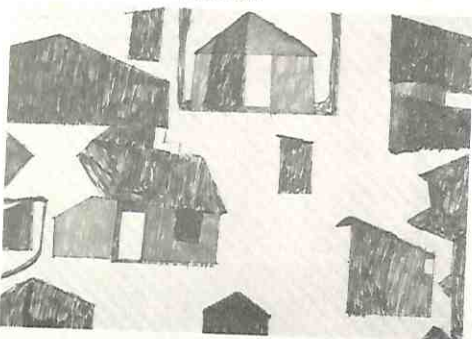
D.3 - Out./73 - José.

O barraco do sogro de José, Seo Fidélis, é o primeiro à direita. Em seguida vem o de José e sua mulher, Eva. Esta dirige-se para o "banheirinho". A cimbada, Olívia - 5 anos, "lava pratos para Eva na pia que é dela". Miguel - 4 anos - está "junto da lavanderia de Dona Isaura; Seo Fidélis dentro da roça, olha as plantas dele. A cerca do meu quintal (vai do banheirinho para o fundo do barraco), pedi para Seo Fidélis porque queria plantar e separar a plantação. A cerca é pra proteger o que é meu, as plantações; desconhecido não pode entrar, roçaram tudo; evita tudo que é ruim. O varal é de Eva e de Dona Isaura." Dona Isaura, a sogra, está em pé no quintal, em frente dos barracos.



D.4 - Out./1973 - José.

"repartição de Jair" (casado com Cida, irmã de Eva). Cerca interna: José fez, separando a parte de Jair da de Seo Fidélis. "Tem a cerca que dá para fora". É a que dá "para trás, para o paredão das casas dos vizinhos." Cida está esperando o marido que se aproxima com uma lata de água."



D.5 - Out./1973 - José.

"Barraco da irmã e do Milton e Seo João que ficam pegados no da irmã; cerca do quintal da Márcia e banheiro da Márcia; barraco onde mora a pedozada, nem sei quantos..."

Solicitado (desenhe sua casa), José fez os desenhos D.3 e D.4, representando um território cercado na favela onde vive com sua família.

A cerca interna representa, a nível espacial, uma fase de um conflito em curso entre as famílias. Pelos direitos costumeiros os filhos são herdeiros do terreno ocupado e delimitado com cerca externa. Quem chegou primeiro, ocupou, roçou, plantou é considerado dono (no caso Seo Fidélis).

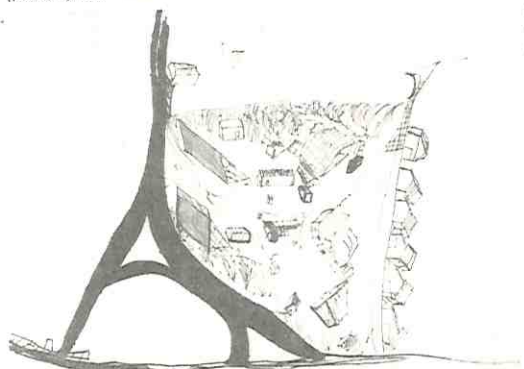
José construiu seu desenho mantendo um foco lógico de orientação, o seu barraco, o qual ocupa o centro do papel. Dada sua posição privilegiada na dinâmica familiar nunca seus direitos, à parte do terreno que lhe cabia, foram delimitados no espaço. As marcas mais importantes na definição de direitos territoriais estão representadas por cercas, varal de pendurar roupas, lavanderias, pés de banana, barracos e banheirinhos (só sanitários, a favela não tem água. Banhos são tomados dentro de casa).

Antes do conflito o varal era suficiente para separar o trecho de Jair e Cida. Bananas têm valor como alimento e nos circuitos de troca. Incluf-as, ou não, dentro de cercados é uma questão que ocasiona disputas.

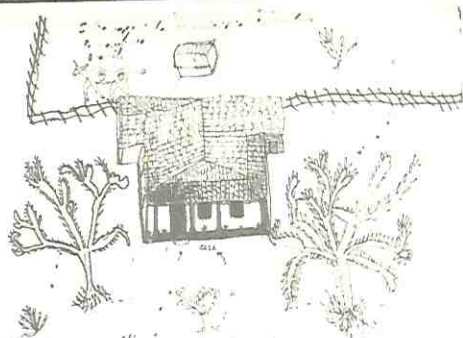
Solicitado a desenhar a favela (D.5) José não utilizou a mesma riqueza de detalhes de outros desenhos. Junto com outras informações isso faz entendermos que ele estava recusando a favela. Não colocou no papel as coordenadas espaciais registradas mentalmente como nos seus desenhos de quintal.

Está ali de passagem: tal como o irmão mais velho (primeiro a migrar) compra junto com o sogro um terreno na periferia.

M. 6 - Jun. 73. Severino, servente de pedreiro, solteiro, 23 anos, alfabetizado, pernambucano. "São todas casas de sítio, todos são vizinhos. O traço unido e um riacho, os pontilhões são cercados. As vezes se forma um corredor, cercado para um canto e para outro no meio do pasto para o gado não passar."



D. 8 - Jan. 73 - Severino. "barraco da beira do rio é do Seo João e dos solteiros; barraco do Clóvis, junto da placa; barracos emendados uns nos outros; eram do velho João; rixa do Fidelis, venda; pessoal que mora atrás eu não conheço; estrada do meu barraco, entrada que vem do riaduto, muro, casas dos papais, dos Tubarões; esgoto; Av. Cidade Jardim; riaduto para o Jôquei Clube; marginal do Tietê;..."



D. 7 - Jan. 73 - Severino. "casa de pai, fica perto de Surubim. Tem coqueira, casa de telhado de madeira e telha, e parede de tijolo; curral; pé-de-garrafal, de amendoim-do-Pará, de jasmim, de joá. Tem quarto de despensa."

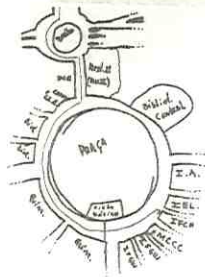
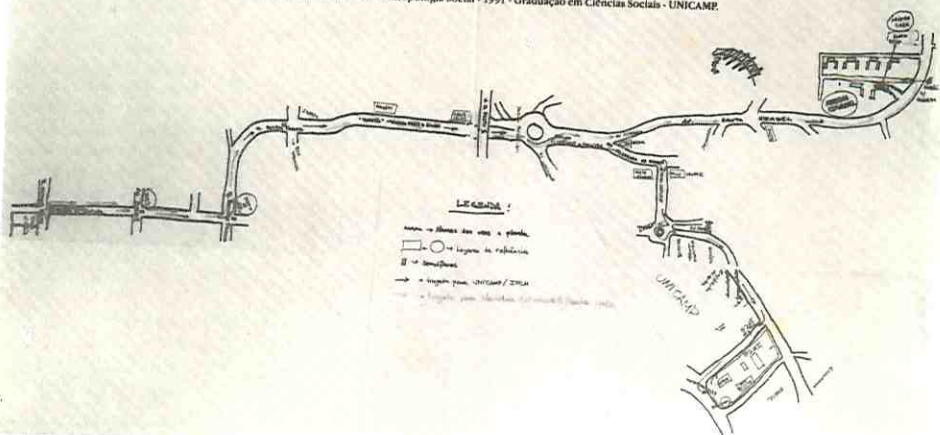
Ao pedido para que desenhasse sua casa, Severino respondeu que ainda não tinha "casa" em São Paulo, morava com a companheira e os filhos dela em um barraco na favela; sua casa era a do pai e ficava em Pernambuco. Fez o desenho da favela - D.8 - e espontaneamente o desenho da casa do pai - D.7 - , o mapa do município de Surubim e o mapa da cidade de São Paulo - M.9 . Estes mapas (assim como o de José - M.1) revelam processos de orientação que organizam e atualizam informações espaciais e temporais, retidas na mente em símbolos estruturados num desenho. O do município de Surubim (onde está a casa do pai de Severino) circunscree um território ocupado por redes de parentesco e vizinhança. O de São Paulo tem um ponto lógico a partir do qual Severino baliza o espaço da cidade: seu local de moradia - a favela - que está invisível. Fica atrás de uma alça rodoviária que conduz à marginal (ver M:9). Pontos de referência assinalados através de símbolos convencionais (campo de futebol

e de desenhos e sinalizações em vermelho (Hospital das Clínicas, Cemitérios, Jôquei Clube, Rodoviária, Praça da Sé, Estádio do Pacaembu), ligam rotas conhecidas. As ruas em volta desses pontos são mais largas e com cores destacadas. Qualquer aspecto físico que adquira saliência para um indivíduo é considerado ponto de referência para estudos psicológicos sobre orientação espacial. Para estes, só com conhecimento maior da região estes marcos ficam interligados formando mapas mentais, tipo *survey maps*. Em três anos de moradia em São Paulo Severino adquiriu experiência através de deslocamentos pela cidade sobretudo por motivos de trabalho, lazer (olhar o movimento do Jôquei), consumo (compras no centro e em Pinheiros), visitas a parentes na periferia e na Vila Olímpia e consultas médicas no HC. Faz os trajetos de ônibus, a pé e de bicicleta. A escolarização (Mobra) permitiu-lhe suplementar este mapa com informações que retirou de um guia de ruas da cidade de São Paulo.

Mostra selecionada de um acervo de 204 mapas realizados em cursos de antropologia ministrados em diferentes instituições - de 1981 a 1993. Mapas solicitados: indicação de um caminho para um estudante que chega pela primeira vez à cidade de Campinas, partindo da rodoviária para a casa do aluno autor do mapa e do morado local para a UNICAMP, PUCAMP, ou trabalho de aluno. Requisitada a inclusão da legenda e justificativa para o uso das cores. Material disponível para cada aluno: conjunto de caixetas de 6 cores (vermelho, verde, amarelo, azul, marrom, preto).

ENSINO I

Curso: Métodos e Técnicas em Antropologia Social - 1991 - Graduação em Ciências Sociais - UNICAMP.

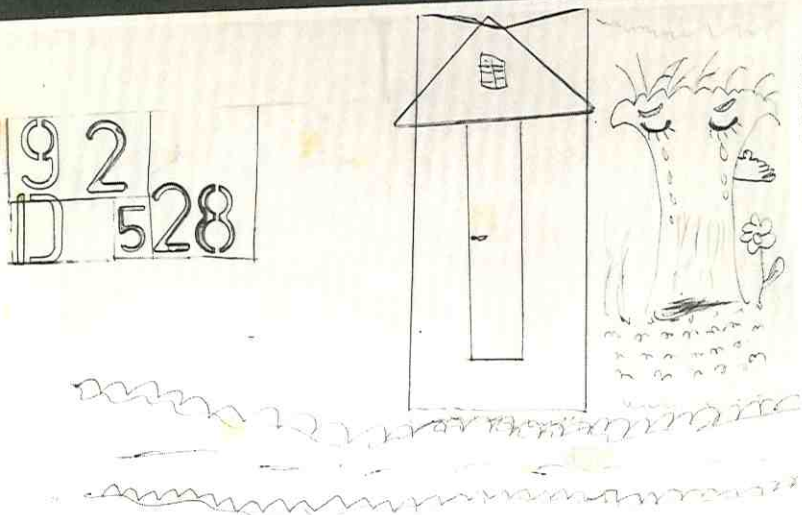


M. 17 - Detalhes do Campus



M.16 - Trajeto rodoviária - casa - UNICAMP.
 Usei o preto para traçar o trajeto e o nome das ruas porque me pareceu uma cor neutra e bastante forte para marcar um caminho. Neutra, i.e. cor padrão que usa para maioria de escritos (as cores de tinta de caneta que costumamos usar são o azul e o preto). Vermelho o senti mais ligado com a noção, além de ser uma cor muito vistosa e por isso atribuímos a ela esse caráter de atenção. Verde, naquela cor que se destaca no mapa mas ao mesmo tempo harmoniza-se com o conjunto de preto. E uma parte fixa do mapa, assim como trajeto em preto. Azul usei para indicar o caminho para a UNICAMP porque uma cor que eu gosto particularmente e que me agrada. Amarelo usei como indicação para minha casa. Não a escolhi propriamente, foi a diferença o caminho para a UNICAMP do caminho para minha casa. Abaixo a um pouco clara para indicação de trajeto mas destaca-se do lado do azul. Amarelo foi a última cor que usei, parece que foi a cor que sobrou, arranja uma função para ela. Vermelho foi a terceira escolhida e azul, a quarta. Mas, deve, pois, claro, que se detendo a uma ordem lógica, as primeiras cores foram aquelas que invariaram o mapa e depois as outras, como se movimentar dentro dele.

M.18 - Detalhes do Campus



A análise da iconografia levantada na favela mostra que de desenhos espontâneos não podem ser desprezados, pois quando remetidos à etnografia trazem dados subjacentes imprescindíveis. Além disto um estudo sobre direitos territoriais e/ou sobre orientação espacial de jovens e adolescentes de rua (como esse iniciado por estudantes do primeiro ano de ciências sociais da graduação da UNICAMP) necessita de uma equipe interdisciplinar para analisar as dimensões psicológicas transmitidas nos desenhos.

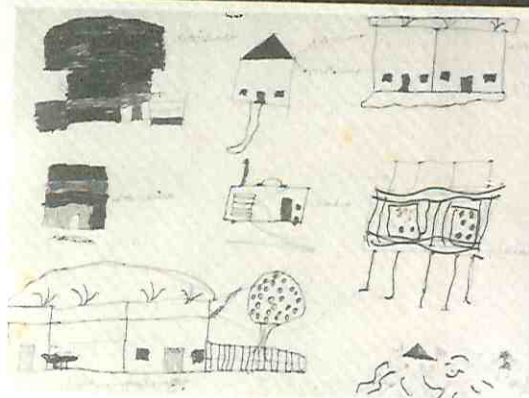
D.14 - R. sexo: masc. 16 anos.
desenho emprestado pelas educadoras de rua.

Interpretação dos desenhos

"... notar traços, linhas e outros detalhes que impressionaram pela forma pouco usual de criatividade. Em comparação com desenhos de crianças que tiveram acesso à educação, e possuidoras de família estruturada, os primeiros mostraram-se, digamos, possuidores de uma outra lógica. Fosse o que fosse, se protesto pela dura realidade, ou uma simples convencionalidade habitual, o que é certo é que, ao simbolizarem momentos do cotidiano - desenhados a nosso pedido -, a emotividade deixava-se transparecer sob a forma de detalhes gráficos como, por exemplo, uma árvore chorando, ou uma frase de efeito do tipo 'lágrima de mãe não tira o filho da prisão' (Pesquisa dos alunos, op.cit)."

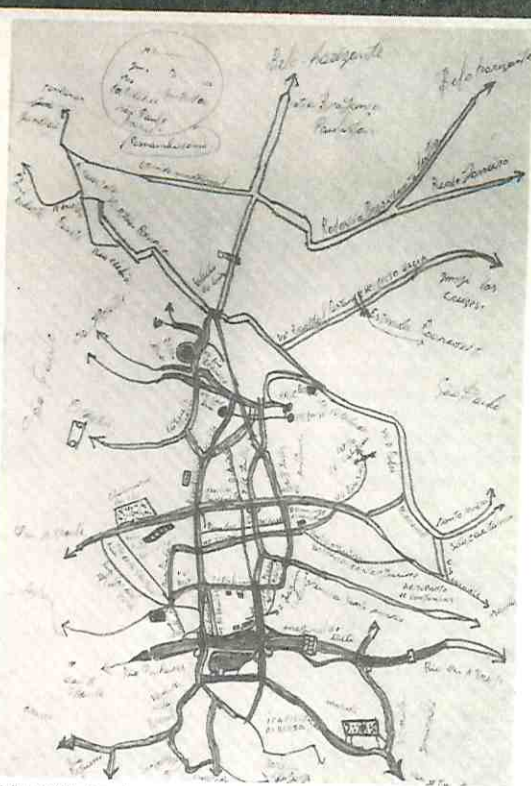


D.15 - W. sexo: masc. 17 anos.



D.10 - Jan./73 - Inês, 12 anos, alfabetizada, faz serviços de faxina para vizinhos da favela.

"barraco de Dona Maria; banheiro de Inês; barraco de Dona Maria; a casa da rua não é maloca, é de um moleque rico; casa de Inês: tinha chaminé, mas a mãe tirou; fogão com a trempe; rádio deles; placa; árvore; aqui tem um bocadinho de mato; plantinha; pôs em cima do teto da casa dela para ficar mais bonito; o cercado não é da casa dela; navio e mulher olhando o navio; água do mar" (pode ser Santos, mas explica que nunca foi lá)..."



M. 9 - Jun./73 - Severino.

"Escolheu estas ruas porque já passou por elas. Vai ao cinema no Vale do Anhangabaú, junto de um prédio grande. Desce à esquerda na praça Ramos de Azevedo, quebra à esquerda, passa na Av. São João. Circo vai, mas não entra... gosta de andar só: só ele e Deus. Odivio no mapa as saídas: Belo Horizonte, Rio de Janeiro. Aquelles lados do Pacaembu não conhece. Para lá das Clínicas não conhece, nem o Alto de Pinheiros... A primeira vez que andou foi com colega, a segunda foi só: a pessoa explica a coisa uma vez. Foi com o caminhão transportando terra à São Bernardo e São Caetano. Presta atenção no caminho novo: como entra, como sai, se entra à direita, se à esquerda, onde termina a rua, aonde aquela rua dá para chegar em casa... também sinais porque anda de bicicleta. Desenhou o que conhece..."

Esses dados reforçam a tese de psicólogos sobre o papel dos pontos de referência no processo de orientação espacial, ao invés de séries interconectadas de imagens, proposta de um estudo antropológico. Esses psicólogos acham que o esquecimento de uma imagem pode levar alguém a se perder. Nossa posição incorpora descobertas da psicologia e remete a discussão da orientação espacial a bases lógicas (idéia defendida por vários antropólogos).

No desenho da favela - D.8 - aparecem grandes barracões com um só telhado que de fato não existem. Este é um exemplo de dados subjacentes fornecidos por desenhos. O que ocorre é que há barracos (isolados ou de parede-meia) que pertencem a um só

dona. São alugados, vendidos, ou usados para moradia do proprietário. O teto único simboliza a posse.

Os barracos pequenos, isolados, são de rapazes solteiros, e os menores sanitários. Neste desenho duas grandes placas de propaganda - em amarelo - são pontos de referência destacados por Severino. As mesmas placas aparecem no desenho - D.10 - de Inês, enteada dele. Notar que a autora representa de modo diferente casa e barraco: sua moradia (assinada com o nome da mãe: Carmozina) fica entre uma e outra representação. O rádio, bem de consumo mais valorizado (a favela não tinha luz elétrica, e portanto não havia TV) aparece ocupando um papel central na folha. O mar, e o navio refletem o imaginário de Inês.

PESQUISA DOS ALUNOS

"Meninos e meninas de rua. Uma abordagem antropológica"

Equipe: F. Silveira, J. Abreu, A. Trindade, M. Castellanos, G. Fonseca. Orientação: A. M. Niemeyer. Curso ministrado com N. Farage. Monitoras: R. Bertolotto e J. Schell. Educadoras de Rua: I. Rudecker, M. L. Villela (PUC/Campinas) Março/Junho 1992.

D.12 - R. sexo: masc. 19 anos.

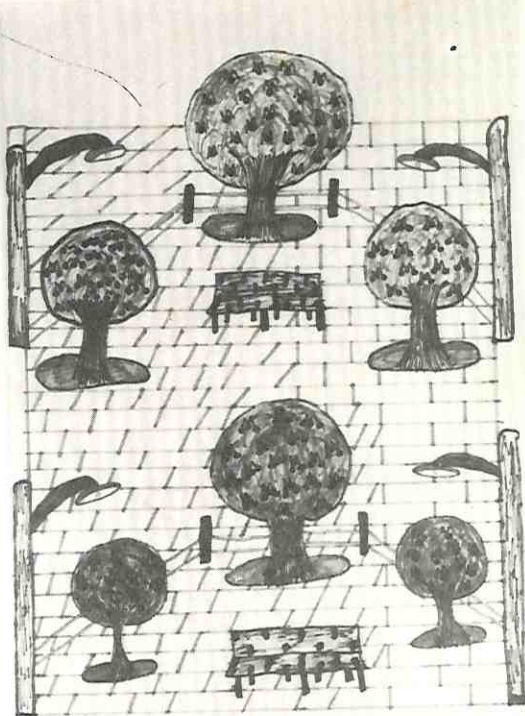
Os desenhos a seguir (Pesquisa dos Alunos) devem ser observados com um outro olhar. Fazem parte de um estudo que ainda não tem uma base etnográfica. Por esta razão apenas apontam questões.

Local

"...na pequena faixa de calçada, atrás do Terminal Central, e uma pequena sala, ...parte do próprio Terminal, mas de extrema importância dentro do contexto em que se realizava... (Pesquisa dos alunos: op.cit.)"

Sujeitos

"...na maioria adolescentes entre 10 e 18 anos. O trabalho que as pedagogas realizavam atendia a cerca de 100 menores, dentre os quais 60 eram infratores, 30 apenas carentes, i.é. passavam o dia nas ruas... (em atividades diversas)... O restante era composto por crianças, filhas de ambulantes que, ao final da tarde, vinham ter com as pedagogas algumas aulas, ou mesmo ficar desenhando... grande totalidade de menores assistidos pelas pedagogas: meninos. Meninas, cerca de 12 conhecidas; por se prostituírem normalmente, ou não travavam contatos, ou mesmo procuravam evitá-los... Cerca de 90% dos menores possuía casa e, em certo sentido uma família - em certo sentido...: o lugar da família era ocupado por algum parente próximo, ou mesmo algum funcionário de alguma instituição... Tinham, na maioria das vezes, alguém, embora



este alguém nem sempre fosse lembrado ou procurado. 'Preferiam' a rua, que é vista como um refúgio à violên-

cia familiar, em boa parte dos casos. Entre essas 100 ... conhecemos de perto somente umas trinta. (Ibid)."



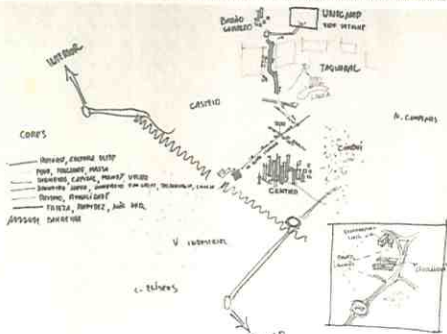
D. 11 - L. sexo: masc. 13 anos.



D.13 - R. sexo: masc. 19 anos.

ENSINO II

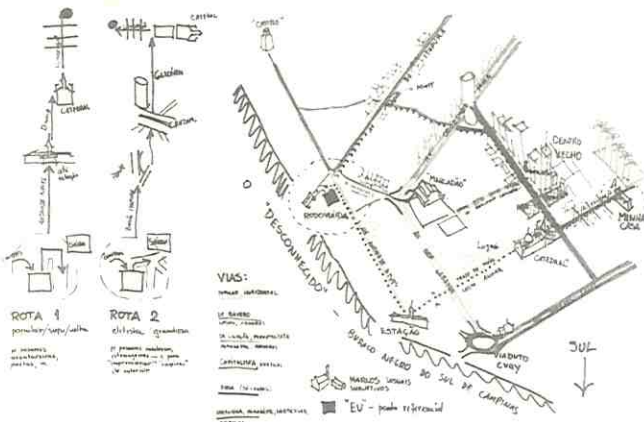
Curso de Especialização em Urbanismo Moderno e Contemporâneo. PUC/CAMP/EAU 1995.



M. 20 - Rodoviária-Trabalho

"B. (Professora) - e o quadrado?"
 A. - entraria na parte azul, a UNICAMP embora tenha 20 anos ainda está em moda... As quadras verdes são vazios urbanos e zonas rurais;
 C. - colocou coisas que são da nossa profissão.
 C. - ... frieza, rapidez, não por. É diferente esta discriminação; você dá um outro intuito, você fez do seu jeito uma radiografia do lugar.
 A. - eu não queria só dar uma direção, eu queria que a pessoa visse também como é a cidade.
 C. - você quis mostrar o que é a cidade...
 - você coloca o retrato, mas são coisas que você coloca oralmente. O mapa é para aproximar o que você fala oralmente. - o, não passe por ali porque é feio.
 C. - ele não está querendo que a pessoa descubra.
 A. - visão de cima é indicada para o arquiteto, ação complicada para a pessoa chegar e fez as notas."

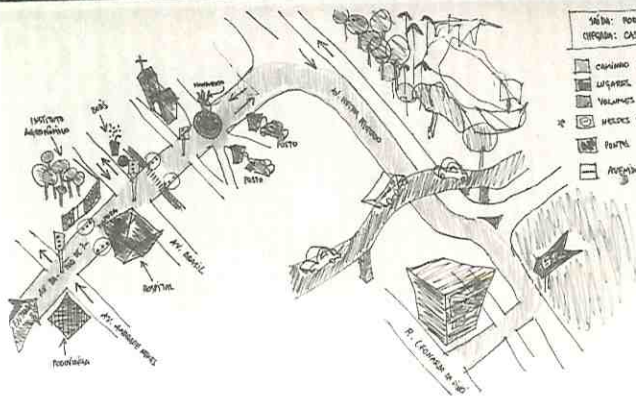
M. 21 Rodoviária-Casa



M. 19 - Rodoviária-Casa

"A. (autor) - a barreira e a linha do trem
 C. (classe) - você está usando uma outra simbologia para linha de trem
 A. - o amarelo é folclore, é o varejo, gente subindo... oficinas de curso, tecnologia, ciência, escritórios novos, profissionais liberais (trabalho), desenho da cidade com relação ao período dos anos 70 (vermelho), azul, de novo: restaurantes, Flat services, anos 80, locadoras de vídeo
 C. - apareceu mais o espírito de cada lugar... engraçado marcar o Bob's e não a igreja
 C. - tem esta característica de aparecer mais o espírito de cada lugar, mas também tem o objetivo de ensinar o caminho, também fala de uma coisa que você queria sintetizar - a linha sintetiza.
 C. - "buraco negro" o que é?
 A. - Vila Industrial. Ninguém vai lá. A massa de trabalhadores mora lá. Além de moradias, tem poucas coisas, tem um comércio, mas é voltado para lá. Parece outra cidade."

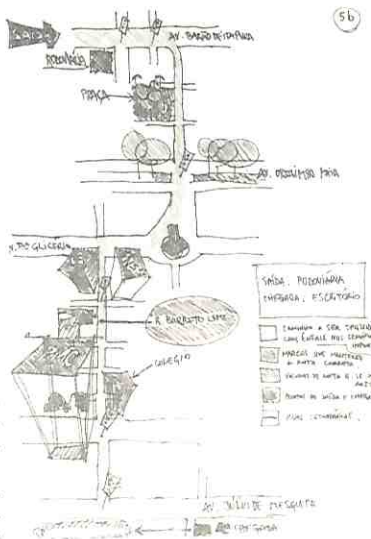
Ao destacar de modo inconsciente os pontos de referência, Caixa Econômica Federal, Prefeitura e INSS (cf. interpretação da classe) a autora do mapa M.24 identificou instituições importantes para o arquiteto. Duas reaparecem nos mapas M.23 e M.21, aparentemente sem nenhum destaque especial. Chama atenção, porém que a autora não tenha terminado o mapa M.21 no ponto de chegada, a sua casa, mas que o tenha continuado até a Prefeitura. Temos, então, pontos de referência comuns a um certo grupo de profissionais, *marcos visuais subjetivos* (M. 19, M. 20), e símbolos compartilhados pelos moradores de um determinado bairro (Caravela no lago do Parque Taquaral em Campinas, M.21). Em um dos recortes que fizemos nos mapas de alguns alunos da UNICAMP temos a indicação de um grande número de institutos M.18: o desenho é de um aluno cujos pais são funcionários da UNICAMP e que sempre morou na cidade universitária; são trajetos feitos e refeitos ao longo de anos.



Em outros mapas - M.17, M.18 - as alunas optaram pelo detalhamento de locais importantes para a vida estudantil: cantina, DCE, CACH, Moradia (habitação da UNICAMP para estudantes).

Notamos que convenções adotadas em mapas cartográficos para avenidas, ruas, quadras e rotatórias prescindem de especificação na legenda, pois tal como o semáforo são símbolos públicos. No caso do semáforo as cores devem seguir a ordem vermelho-amarelo-verde. A comunicação, porém, ocorre independente da forma (círculos, traços, pontos) desde que a sequência de cores seja mantida. Caso contrário temos um símbolo particular que exige explicações adicionais (M.16, M.22, M.21).

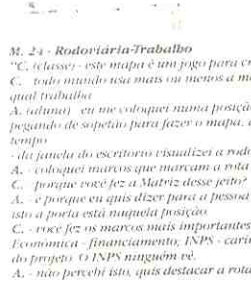
Desenhos de símbolos como o do semáforo introduzem discussões teóricas, como pretendido pelo método adotado por nós. Há uma interpretação antropológica que assinala que o código rodoviário recorreu ao amarelo como um ponto médio entre o vermelho e o verde, por razões culturais.



Mapas dos alunos, assim como suas interpretações exemplificam certas teorias da antropologia de que cores são na prática códigos semióticos.



M. 22 - Rodoviária Casa



M. 23 - Rodoviária Trabalho

M. 23 - Rodoviária-Trabalho
 "C. - classe - este mapa é um jogo para crianças
 C. - todo mundo usa mais ou menos a mesma linguagem com a qual trabalham
 A. (aluna) - eu me coloquei numa posição para fazer, alguém me pegando de surpresa para fazer o mapa, que eu não ia ter muito tempo
 - da janela do escritório visualizei a rotatória lá embaixo
 A. - coloquei marcos que marcam a rota correta
 C. - porque você fez a Maria desse jeito?
 A. - porque eu quis dizer para a pessoa passar por trás dela, por isto a porta está naquela posição
 C. - você fez os marcos mais importantes para o arquiteto - Caixa Econômica - financiamento, INPS - carimbo, Prefeitura - entrada do projeto. O INPS ninguém vê.
 A. - não percebi isto, quis destacar a rota correta."

Chamamos atenção para as ênfases colocadas nos pontos de referência e no ponto lógico a partir do qual o espaço é definido por um sujeito específico. Importante: a cultura em geral, e variáveis mais restritas, tais como profissão, especialização, experiência de vida, faixa de idade, familiaridade e relação afetiva com espaços atuam na seleção mental de dados do ambiente e na expressão externa destes. Transmitir graficamente essas informações é um outro assunto. Há quem não recorra a esta forma de expressão porque culturalmente sua orientação espacial prescinde desta manifestação. Quando surgem manifestações através de mapas - como a dos favelados - não há porque classificá-las de rascunhos (idéia implícita na denominação esboços de mapas). Mapas, cartográficos ou não, sempre transmitem um ponto de vista específico sobre o mundo. Estudos históricos, geográficos e políticos sobre cartografia estão aí para demonstrar isto. Além disto representações subjetivas, como visto em todos os desenhos e mapas desta exposição, nos remetem às relações entre a sensibilidade e a racionalidade. E o que aprendemos com Graciliano Ramos:

"Padre Pimentel era uma santa criatura e insinuou-me alguns conhecimentos, os primeiros que aceitei com prazer. Narrou-me a viagem de Abraão, a vida nas tendas, a chegada à Palestina. Usava linguagem simples, comparações que atualizavam os acontecimentos. Não hesitei, ouvindo a mudança de homens e gado, com certeza tangidos pela seca, em situar a Caldéia no interior de Pernambuco. E Canaã, terra de leite e mel, aproximava-se dos engenhos e da cana-de-açúcar. Mantive essa localização arbitrária, útil à verossimilhança do enredo, espalhei seixos, mandacarus e xiquexiques no deserto sírio, e isto não desapareceu inteiramente quando os mapas vieram (Graciliano Ramos, Infância, 12.ª ed. Rio de Janeiro, Record, 1977: p. 191)."

Ensino – Ciências Sociais (UNICAMP) e Arquitetura (PUCCAMP)

Em 1981 durante um curso na graduação de ciências sociais da UNICAMP, que reuniu sociólogos, cientistas políticos e antropólogos em torno do estudo da cidade de Campinas, os alunos elaboraram no curso de antropologia *mapas cartográficos* da cidade e *mapas mentais*. Neste caso levantaram as imagens que os habitantes tinham de um determinado bairro e depois com estes dados desenharam mapas que reproduziam esse tipo de representação do bairro.¹⁷

Mais tarde (1986) retomei a idéia de mapas em cursos dirigidos a profissionais de fora das ciências sociais e a cientistas sociais e antropólogos, atividade que continuo realizando até hoje.¹⁸ Trabalho agora com desenhos de mapas realizados pelos alunos (em sala

¹⁷Veja-se Kewin Lynch (1988-1970) e Raymond Ledrut (1973).

¹⁸Cursos nos quais foi desenvolvido um trabalho com mapas:

- C. 1 “Unidade Temática de Antropologia: a cidade de Campinas.” curso de graduação – UNICAMP/IFCH – (um ano) 1981/1982.
- C. 2 “Introdução à Antropologia da Arte” – curso de graduação em conjunto com o Instituto de Artes e o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UNICAMP – (um semestre) 1986.
- C. 3 “A prática política e pedagógica da classe média” – (um ano), 1987/1988. *Curso que fez parte de pesquisa financiada pela FINEP e pelo CNPQ.* Reuniu na UNICAMP um grupo de técnicos para discutir cultura e ideologia de educadores populares de classe média. Curso de extensão.
- C. 4 “Antropologia urbana”. Mestrado em Antropologia social – UNICAMP (um semestre), 1986.
- C. 5 “Métodos e Técnicas de Pesquisa em Antropologia Social”. Curso de graduação em ciências sociais. UNICAMP – (um semestre), 1992.
- C. 6 “Curso de especialização em planejamento e desenvolvimento de recursos humanos para a saúde” SESBS do Paraná – Curitiba – curso intensivo, 1987.

de aula) e não pelo pesquisador e com outros objetivos que estão relatados neste texto.

O tipo de mapa solicitado é o desenho de trajetos a serem percorridos por alguém que se quer orientar para chegar em determinado lugar numa cidade.¹⁹ Pretendo discutir diferenças e semelhanças de representação (de formas, de cores, etc.) dentro de um mesmo grupo social e/ou profissional. Uma simples indicação de caminho permite acesso às diferenças individuais de representação de mundo dentro de uma mesma cultura.

A partir de uma expressão gráfica sintética, possível de ser realizada em sala de aula, temos à nossa disposição um material de comum acesso a todos os alunos de uma mesma classe. Esta é uma abordagem que parte do simples para o complexo, possibilitando introduzir questões tratadas pela antropologia para um público de

C. 7 "Urbanismo moderno e contemporâneo" - FAU/PUC/Campinas (1 semestre) 1983. Curso de especialização.

(Acervo de 204 mapas recolhidos nestes 7 cursos).

¹⁹Requisitada a inclusão de legenda e justificativa para o uso das cores. Material disponível para cada aluno: conjunto de canetas de seis cores (vermelho, verde, amarelo, azul, marrom, preto).

As outras opções metodológicas são:

- a) Não limitar o desenho a uma folha de papel sulfite, mas indicar que o mapa poderia ter o tamanho que o seu autor quizesse. Esta é uma maneira de trabalhar as diferenças individuais de escala numa representação gráfica do espaço;
- b) Definir um campo para as interpretações dos mapas. Projetar na aula slides dos mapas: cada autor tem seus mapas interpretados na classe, por ele mesmo e pelos colegas. Não realizar nenhuma entrevista fora desta situação. Esta delimitação dá ênfase à contraposição de interpretações da classe sobre os mapas; as diferentes interpretações são depois comparadas com teorias sobre os temas ressaltados para discussão na classe ou para estudo.

fora da área ou para cientistas sociais que se iniciam nesta disciplina.

A hipótese é a de que o desenho de mapas possibilita esse aprendizado, pois representa um esforço de síntese por parte do seu autor: é preciso comunicar com clareza e eficiência para que o mapa cumpra sua finalidade, a de orientar e indicar o caminho a seguir. Para tanto serão feitas escolhas, expressas no papel segundo um arranjo determinado que é significativo.²⁰

O recurso a mapas feitos por informantes tem sido uma constante nas pesquisas dos antropólogos. Dependendo do quadro teórico que o aluno adote em sua pesquisa partirá de pressupostos diferentes para estudar procedimentos mentais de orientação dos informantes. Em um curso que pretende ensinar a relação entre teoria e metodologia de pesquisa, um exercício como esse aqui exposto permite o conhecimento das consequências metodológicas entre diferentes opções teóricas de investigação; assim como possibilita uma reflexão sobre as fronteiras da antropologia com outras disciplinas.

²⁰Um exemplo de uma abordagem teórica que pode ser introduzida através do desenho de mapas é a semiótica, tal como está explicitada por J. Boon. O círculo e a linha, formas presentes nos mapas de trajetos urbanos, são tomados como exemplos por Boon quando diz que “um modo de desenvolver um quadro de pensamento semiótico é estender princípios da linguagem, para fenômenos cuja semelhança com a linguagem não é óbvia, através do exame cuidadoso de alguma coisa que pareça pura, direta, ou não-simbólica...”, tal como o círculo e a linha (J. Boon, 1982:117). Este autor mostra como esta antítese formal-lógica carrega significados diferenciados e ambíguos quando aparece como representação. “Ao contrário de muitas teorias que tratam da percepção e da conceitualização – inclusive Gestalt e fenomenologia –, o círculo/linha de uma cultura particular pode não ser representativo em outra cultura. O círculo/linha não precisa necessariamente ser reconhecido como alguma coisa. Admitir que o círculo/linha presente em uma cultura pode representar uma ausência, uma negatividade, em outra cultura é rejeitar o formalismo e enfatizar radicalmente as relações significativas (ibid: p. 118).” – trad. minha.

A informação trazida por dados inconscientes em desenhos pode ser trabalhada nos mapas produzidos em sala de aula de acordo com propostas teóricas da antropologia.

Nos mapas produzidos pelos arquitetos observamos que ao destacar de modo inconsciente os pontos de referência, Caixa Econômica Federal, Prefeitura e INSS a autora do **M. 24** identificou instituições importantes para o arquiteto (cf. interpretação da classe). Temos, então, pontos de referência comuns a um certo grupo de profissionais, “marcos visuais subjetivos” (**M. 19, 20**), e símbolos compartilhados pelos moradores de um determinado bairro (Caravela no lago do Parque Taquaral em Campinas, **M. 23**).²¹

Surge aqui, mais uma vez, a questão dos pontos de referência a qual está também presente nestas especificações observadas nas legendas dos mapas: verde = “volumes de ‘mata’ que se impõe aos olhos”; vermelho = “lugares a observar com atenção que mantêm o sentido e a direção correta do mapa” (**M. 22 e 24**, painel 10).

Nos mapas elaborados pelos estudantes da UNICAMP temos no **M. 17** (painel 8) a representação espacial de um aluno cujos pais são funcionários da UNICAMP e que sempre morou na cidade universitária; são trajetos feitos e refeitos ao longo de anos. Este fato explica a indicação de um grande número de institutos do campus. Em outros mapas – **M. 18, M. 16**, painel 8 – as alunas optaram pelo detalhamento de locais importantes para a vida estudantil: cantina, DCE, CACH, Moradia (habitação da UNICAMP para estudantes).

²¹Temos aqui, ao lado de marcos profissionais, o que é chamado, num estudo de arquitetos e antropólogos coordenado por Carlos Nelson F. dos Santos, “preciosidades e marcas locais”, que eram distinguidas pelos informantes e “reunidas às demais informações que se destinavam a compor a imagem que gostam de atribuir à rua (1980: p. 47).”

Notamos que convenções adotadas em mapas cartográficos para avenidas, ruas, quadras e rotatórias prescindem de especificação na legenda, pois tal como o semáforo são símbolos públicos. No caso do semáforo as cores devem seguir a ordem vermelho-amarelo-verde. A comunicação, porém ocorre independente da forma (círculos, traços, pontos) desde que a sequência de cores seja mantida. Caso contrário temos um símbolo particular que exige explicações adicionais, como temos exemplos em vários mapas mostrados na exposição.

Desenhos de símbolos como o do semáforo introduzem discussões teóricas, como pretendido pelo método adotado aqui. Para Sahlins a seleção e distribuição de cores do sinal de trânsito não é aleatória, pode ser pensada como um modelo de relações semelhantes que ocorrem em outros âmbitos simbólicos da cultura ocidental (1976-a: p. 220). De um ponto de vista lógico, o princípio do sinal de trânsito pode ser generalizado como segue. Verde e vermelho são opostos em significado. O amarelo é um ponto médio em relação ao vermelho e ao verde; está para o vermelho em oposição ao verde, assim como está para o verde em oposição ao vermelho (ibid.). Sahlins está interessado em investigar a estrutura comum às relações entre os significados simbólicos da cor e a percepção biológica de diferenças de cores (M. Sahlins, 1976-a: p. 218). Esta estrutura não tem existência em si, funciona como uma análise combinatória da matemática (ibid.), onde se faz o cálculo das probabilidades, dos arranjos, das permutações e das combinações. Colocada nesses termos a análise vai mostrar que as propriedades perceptivas dos matizes neutros preto, e branco, e dos matizes “primitivos” azul, vermelho, verde, e amarelo, ao lhes conferir contrastes significativos, torna-os adequados para uso nos rituais, na produção, no código rodoviário, na política, etc.. (M. Sahlins, 1976-b).²²

²²Para Sahlins vermelho, verde, amarelo e azul são “os matizes ‘primários’ ou ‘primeiros’ da percepção na literatura científica – e na literatura estética, algumas vezes as cores ‘primitivas’ (1976-a: p. 222).”

Um dos pontos centrais da argumentação do autor que interessa destacar aqui, é que a cultura tem a última palavra na escolha das cores que vão contrastar entre si. O código rodoviário recorreu ao amarelo como um ponto médio entre o vermelho e o verde. Mas o azul, dada a sua posição no esquema perceptivo também poderia ter sido selecionado. A escolha do amarelo como ponto médio surge em outros campos simbólicos da cultura ocidental – reproduzindo o princípio do sinal de trânsito (M. Sahlins, 1976-a: p. 220).

Notamos nos mapas dos alunos que é mais freqüente o uso do vermelho quando se quer destacar alguma informação. Por exemplo, setas ou linhas contínuas que indicam o caminho a ser seguido e o ponto de chegada do mapa estão em vermelho. Uma associação direta interpretaria este tipo de emprego por causa das propriedades físicas desta cor. Vermelho é a experiência de cor que mais se salienta, que fica mais próxima, que é mais brilhante.²³ Por esta razão atravessa os nevoeiros e a escuridão, sendo empregada mundialmente como cor dos faróis no mar, no alto de edifícios, na lanterna dos automóveis, etc. (I. Pedrosa, 1989:109). Mas, em muitos mapas dos alunos, aqueles pontos de referência acima citados, tiveram sua cor alterada, sem prejuízo de seu significado. Isto porque somente a interrelação entre os signos, símbolos, índices, etc... desenhados e não seu emprego isolado, deu a significação do mapa, tornando-o compreensível.²⁴ Observação que vale para as

²³Vermelho é a experiência de cor mais saliente, devido a um efeito de intensificação recíproca entre saturação e luminosidade. “De um lado, vermelho aparece mais brilhante ou mais luminoso do que outras cores no mesmo nível de saturação... (efeito Helmholtz-Kolrausch). De outro lado e de modo inverso, vermelhos são percebidos como mais puros ou mais saturados do que outros matizes da mesma luminosidade. Entretanto, vermelho não só se salienta, mas fica mais perto: um efeito espacial conhecido como ‘aberração cromática’, que traz as superfícies vermelhas subjetivamente mais perto do observador do que objetos de outro matiz que estão numa distância igual (Sahlins, 1976-b: 4,5)” – tradução minha.

²⁴cf. Barthes (1971) que segue a definição de significação de Saussure.

cores e formas desenhadas nos mapas. Pois, o que ocorre é uma apropriação da natureza pela cultura, e não uma submissão da cultura a limitações impostas pela natureza.²⁵

Conclusão

Existem duas contribuições dessa reflexão sobre orientação espacial a partir dos dados iconográficos utilizados e do método empregado, tanto na pesquisa quanto no ensino, que são: o papel dos pontos de referência na orientação espacial e a ênfase no foco lógico a partir do qual o espaço é definido por um sujeito específico.

Alguns aspectos importantes merecem também uma ênfase final. A cultura em geral, e variáveis mais restritas, tais como profissão, especialização, experiência de vida, faixa de idade, familiaridade e relação afetiva com espaços atuam na seleção mental de dados do ambiente e na expressão externa destes²⁶. Transmitir graficamente essas informações é um outro assunto. Há quem não recorra a esta forma de expressão porque culturalmente sua orientação espacial prescinde desta manifestação. Quando surgem manifestações através de mapas – como as dos favelados – não há porque classificá-las de rascunhos (idéia implícita na denominação *esboços de mapas*). Mapas, cartográficos ou não, sempre transmitem um ponto de vista específico sobre o mundo.²⁷ Além disto, representações subjetivas, como visto em todos os desenhos e mapas desta exposição, nos remetem às relações entre a sensibilidade e a racionalidade.²⁸

²⁵M. Sahlins, (1976-a, 1976-b.)

²⁶Cf. Downs & Stea, *op. cit.*

²⁷Ver, entre outros, David Harvey, 1989.

²⁸Ver: C. Lévi-Strauss, 1986.

É o que aprendemos com Graciliano Ramos:

“Padre Pimentel era uma santa criatura e insinuou-me alguns conhecimentos, os primeiros que aceitei com prazer. Narrou-me a viagem de Abraão, a vida nas tendas, a chegada à Palestina. Usava linguagem simples, comparações que atualizavam os acontecimentos. Não hesitei, ouvindo a mudança de homens e gado, com certeza tangidos pela seca, em situar a Caldéia no interior de Pernambuco. E Canaã, terra de leite e mel, aproximava-se dos engenhos e da cana-de-açúcar. Mantive essa localização arbitrária, útil à verossimilhança do enredo, espalhei seixos, mandacarus e riquexiques no deserto sírio, e isto não desapareceu inteiramente quando os mapas vieram (Graciliano Ramos, Infância, 12a. edição, Rio de Janeiro, Record, 1977: p. 191).”

Bibliografia citada

- Almeida, M. W. B. de, 1986, "Redescobrimo a Família Rural". In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, ANPOCS, n^o 1, vol. 1, junho: pp. 66-83
- Blades, Mark & Spencer, Christopher, 1986, "Correspondance: Maps and wayfinding". In: **Man**, vol.21, n^o 2: 343-344.
- Barthes, R. 1971 (1964), *Elementos de semiologia*, São Paulo, Cultrix, 116p.
- Boon, J. A. 1982, *Other tribes, other scribes*. Symbolic anthropology in the comparative study of cultures, histories, religions, and texts., Cambridge, Cambridge University Press, 303p.
- Clifford, J. 1982, *Person and Myth. Maurice Leenhardt in the Melanesian World*. Berkeley and Los Angeles, University of California Press.
- Da Matta, Roberto, 1976, "A morfologia da sociedade Apinayé". In: R. Da Matta, *Um mundo dividido*. A estrutura social dos índios apinayé, Petrópolis, Vozes: pp. 61-77
- Descola, Philippe, 1986, *La nature domestique: symbolique et praxis dans l'ecologie des Achuar*, Paris, Ed. de la Maison des sciences de l'homme.
- Downs, R.M., & Stea, D. 1977, *Maps in Minds. Reflections on Cognitive Mapping*, New York, Harper & Row, Publishers.
- Dreyfus, Solange, 1972, "Introduction". In: **Journal de la Société des Américanistes**. Tome LXI: pp. 9-16.
- Frake, C. D. 1985, "Cognitive Maps of Time and Tide among Medieval Seafarers" In: **Man**, vol. 20, n^o 2: pp. 254-270.
- Gell, A. 1985, "How to Read a Map: Remarks on the Practical Logic of Navigation". In: **Man**, vol. 20, n^o 2: pp. 271-286.
- Gell, Alfred, 1986, "Correspondance: Maps and wayfinding". In: **Man**, vol. 21, n^o 2: 344-346.
- Harvey, David, 1989-1992, *A Condição Pós-Moderna*. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural, São Paulo, Edições Loyola.

- Ledrut, Raymond, 1973, "Parole et silence de la ville". In: **Espaces et Sociétés**, n° 9.
- Lévi-Strauss, Claude, 1970 (1956), "As organizações dualistas existem?". In: C. Lévi-Strauss, *Antropologia estrutural*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro: pp. 148-180.
- Lévi-Strauss, Claude, 1986 (1983), "Estruturalismo e ecologia". In: C. Lévi-Strauss, *O olhar distanciado*, Lisboa, Edições 70: pp. 149-173.
- Lynch, Kevin, 1988-1970, *A imagem da cidade*, São Paulo, Livraria Martins Fontes.
- Niemeyer, A.M.de, 1985, *O lugar da pobreza. Moradia e controle de espaço na favela, São Paulo 1972-1977*, Tese de Doutorado, F.F.L.C.H./USP, orientação: R. C. L. Cardoso.
- . "Assessoria e Militância: a prática política e pedagógica da classe média de uma perspectiva interdisciplinar", relatórios para a FINEP e o CNPQ, 1986/91.
- . Banco de Dados. Um resumo do trabalho está arquivado no Banco de Dados "Educating Cities" ("Ciudades Educadoras", Ronda Sant Antoni, 49, 1r. escala esquerda - 08011 Barcelona (Spain)).
- Orlove, Benjamin S. 1991, "Mapping reeds and reading maps: the politics of representation in Lake Titicaca". In: **American Ethnologist**, vol. 18, n° 1, fevereiro.
- Pedrosa, I., *Da cor à cor inexistente*, Rio de Janeiro, Léo Christiano Editorial Ltda, 1989. Campinas.
- Sahlins, M. 1979 (1976-a), *Cultura e razão prática*, Rio de Janeiro, Zahar, 258 p.
- Sahlins, M. 1976-b, "Colors and Cultures", 1-22: **Semiotica**, 16:1.
- Santos, Carlos Nelson F. dos (coord.), 1980, *Quando a rua vira casa. A apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de Bairro*, Rio de Janeiro, FINEP/IBAM.